

**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na
cerimônia de inauguração da fábrica da Hyundai**

Anápolis-GO, 20 de abril de 2007

Meu caro governador do estado de Goiás, Alcides Rodrigues Filho,
Meu caro prefeito de Anápolis,
Meus caros Ministros,
Presidente da Hyundai coreana,
Embaixador da Coréia,
Deputados federais,
Senadores,
Empresários,
Revendedores do novo carro do Grupo Caa,oa,
Meus amigos e minhas amigas,

Eu não ia falar, tinha pedido ao Ministro da Indústria e Comércio que falasse. Mas depois do pronunciamento do grupo liderado pelo Carlos Alberto, eu resolvi dizer algumas palavras. Primeiro porque o Johnny, esse menino de 21 anos, metalúrgico formado pelo Senai, também me inspirou. O Johnny fez um discurso, é o primeiro discurso dele, aos 21 anos de idade. Eu fiz o primeiro discurso aos 27 anos, significa que você tem, pelo menos sete anos na frente, a possibilidade de ser presidente da República daqui a alguns anos.

Mas o que me inspirou, Carlos Alberto, na verdade, foi o teu entusiasmo. Uma empresa, seja ela brasileira ou multinacional, para se instalar em qualquer lugar, ela precisa de algumas coisas sem as quais o empresário não faz investimento. A primeira coisa que uma empresa precisa para fazer um investimento, qualquer que seja o lugar, é ter consciência de que o país tem uma estabilidade macroeconômica, que as pessoas não vão ser pegadas de calça curta a cada mudança de governo ou a cada mudança de ministro. A segunda, é a pessoa que vai investir ter clareza de que aquele país tem infraestrutura capaz de permitir o escoamento da produção que faz. A terceira, é saber se existe ou não mercado para o produto que vai fabricar. A quarta, é

saber se tem mão-de-obra qualificada para produzir esse produto. E a quinta e última, é o grau de confiança que a pessoa tem que ter, na hora de colocar a mão no bolso, tirar o seu dinheiro e dizer: “eu vou fazer uma aplicação”, qualquer que seja o investimento.

E por que eu digo que essa ousadia do Carlos Alberto merece um registro especial? É porque o Brasil, durante muitas décadas, durante todo o século XX, foi um país que teve momentos extraordinários. O Brasil teve momentos em que a economia cresceu 14,3% ao ano e teve momentos em que a economia cresceu 7,5% durante quase seis anos consecutivos. Mas faltava uma coisa que pudesse garantir ao Brasil se transformar numa economia sólida, para que o País pudesse crescer, de forma continuada, durante décadas, e não ficasse oscilando, crescendo ora 10, ora nada, ora 7, ora nada, ora 15, ou seja, passando incerteza a todas as pessoas, sejam os produtores, sejam os consumidores.

Quando nós assumimos o governo, em 2003, todo mundo lembra que eu dizia o seguinte: qualquer político neste País pode errar, eu não tenho o direito de errar. E por que eu dizia que não tinha o direito de errar? É porque, em torno da minha eleição, tinha pelo menos três décadas de expectativa de um segmento muito importante da sociedade brasileira, que via, na nossa entrada no governo, a primeira possibilidade de combinar uma política macroeconômica responsável com uma política de crescimento sustentável, acompanhada de uma política de distribuição de riqueza que pudesse permitir aos pobres brasileiros voltar a sonhar neste País.

Para chegar onde nós chegamos, não foi fácil. Os senadores, os deputados, no meu primeiro mandato, viveram o que eu vivi, e muito mais difícil foi ter a coragem de fazer o ajuste fiscal que nós fizemos em 2003. Quem entende de economia, aqui, e nem precisa, economista é como técnico de futebol, todo mundo sabe um pouco, sabe que o que nós fizemos no ano de 2003 foi quase uma sangria no próprio peito para garantir que este País pudesse construir, nos anos seguintes, uma solidez que lhe desse a sustentabilidade que estamos conquistando agora.

Eu não sei se todos vocês acompanham os números da economia, mas muitas vezes a gente fica vendo algumas pessoas falarem de manhã na televisão, ou às vezes a gente fica acompanhando os especialistas de alguma

área, e eu às vezes tinha a impressão, Sandro Mabel, de que o Brasil não ia dar certo, porque você lê determinadas coisas de tamanha desesperança que fala: por que eu vou concorrer à reeleição se todo mundo está dizendo que o Brasil não vai dar certo?

Pois bem, o que aconteceu de fato e de direito a este País? É que o País precisava de um pouco de seriedade, este País precisava de alguém que não pensasse em governar apenas para um mandato de quatro anos, já que essa é a grande problemática do nosso País. As pessoas pensam em governar apenas no período do seu mandato, e não se preocupam que uma geração perpassa três, quatro ou cinco mandatos, e que uma nação perpassa de forma infinita tantos quantos mandatos aparecerem neste País.

Mas as pessoas não pensavam assim. Então, você via, num ano, que o Brasil estava milagroso, no ano seguinte, quebrava. No ano seguinte, “agora vai dar tudo certo”, e no ano seguinte, não dava certo. As pessoas iam dormir com o dólar a 4 reais e acordavam com o dólar a um real. As pessoas iam dormir com os preços do *commodities* valendo 10, depois não valiam nada. E assim nós atravessamos pelo menos três décadas, não foi uma década. Essa meninada que a gente está vendo agora, praticando violência nas ruas deste País, com 18 ou 19 anos, é o resultado da irresponsabilidade no tratamento da questão da economia deste País, ao longo de décadas. Eles são os filhos das desventuras econômicas feitas neste País.

Pois bem, não por mérito do Presidente da República, mas muito mais por mérito da sociedade brasileira, nós atingimos um estágio na economia brasileira, que o Brasil só não atravessará a fronteira dos países em desenvolvimento para entrar na fronteira dos países definitivamente desenvolvidos se cair aqui uma bomba atômica de pessimismo ou uma coisa que não estamos prevendo. Porque o horizonte, olhando daqui a 10 anos, é um horizonte de boas e extraordinárias perspectivas para este País.

Vocês estão lembrados que há 5 anos a gente não tinha crédito para garantir o pagamento das nossas importações, a gente não tinha reservas e era obrigado a ficar todo ano implorando ao FMI que emprestasse um dinheirinho para ficar na reserva. Hoje, este País tem 112 bilhões de dólares de reserva, este País tem um superávit comercial de 47 bilhões de dólares. E portanto, Carlos Alberto, este País criou um mundo para que você possa, junto

com os coreanos, vender este produto na América do Sul, que nunca teve. O Brasil tem fronteira com quase todos os países da América do Sul, menos com Equador e Chile, e a gente passou o tempo inteiro olhando apenas para a Europa e para os Estados Unidos. A gente não olhava para quem tinha potencial de comprar os nossos produtos, a gente não discutia política de integração, a gente não discutia os problemas comuns aos países da América do Sul. Então, hoje, o País está preparado para ter essa indústria automobilística e, quem sabe, para receber mais uma indústria automobilística, se a gente não estiver pensando apenas no mercado interno.

O pessimismo, a inveja e o preconceito são três doenças gravíssimas do ser humano. O pessimismo, eu lembro, Miguel Jorge, quando você não estava no governo ainda, quantas vezes você, como representante do Santander, em discussões, discutia crise econômica, o Marinho participava de reuniões com a indústria automobilística, e todo dia as pessoas sentavam na minha mesa dizendo: “O mundo acabou, não vai dar certo, não está vendendo”. E, mês a mês, desde que eu assumi o governo, a indústria automobilística bateu recorde de produção e recorde de venda.

Ora, qual era o problema que a gente tinha? O problema era que a economia não crescia, não tinha aumento da massa salarial, portanto, não tinha renda. E depois, o trabalhador brasileiro e a classe média baixa brasileira não se importam muito com o custo final do produto. Eles se importam é se a prestação vai caber dentro do holerite deles, dentro do contracheque deles, se couber, eles vão virar compradores de carro, compradores de geladeira, compradores de televisão. É isso que está acontecendo na indústria automobilística agora neste País: outro recorde de produção, outro recorde de exportação, outro recorde de venda dentro do mercado interno.

E, ainda, Carlos Alberto, nós enfrentamos, agora, o gostoso prazer de ser o País do flex-fuel, o País que saiu do nada para produzir 100% de carro a álcool; depois voltamos a produzir, outra vez, zero de carro a álcool; e, agora, voltamos a produzir 85% dos carros vendidos no mercado interno, flex-fuel, combustível limpo, produzido no Brasil, na terra brasileira, com cana brasileira, por empresários brasileiros. E nós queremos ganhar o mundo. Nós vamos ser, talvez, a única nação, daqui a 15 ou 20 anos, que não vai exportar um carro, vai exportar um pacote: leva-se o carro com o tanque cheio, com tanque cheio

do combustível mais limpo que está sendo produzido neste momento.

As perspectivas são as melhores possíveis. Quando nós pensamos o PAC, o PAC foi trabalhado quatro meses antes de ser anunciado, porque a gente queria que o Programa tivesse começo, meio e fim. São 250 bilhões de dólares em quatro anos, em infra-estrutura. É pouco. Um País do tamanho do Brasil precisaria de, quem sabe, um trilhão de dólares para fazer investimento, mas não temos e também não queríamos anunciar meganúmeros que depois a gente não pudesse cumprir.

Eu aprendi, viu Johnny, e você deve ter aprendido na tua vida, que a gente tem que dar o passo do tamanho da perna. Se a gente tentar dar um passo maior – parece que a gente vai poder dar e não vai dar –, a gente pode é quebrar a perna ou ter uma distensão. O importante é que a gente tenha a ousadia que estamos tendo, que a gente mantenha a certeza de que o País não pode ficar como se fosse um mar, eu diria, revolto, cheio de ondas, cheio de marolas, que é muita coisa que acontece no Brasil.

No Brasil, tem um problema: aqui o Marconi foi governador, o Alcides é governador, o William foi governador, o Maguito foi governador, o Brasil é um País fantástico. Nós estivemos dois anos em crise na agricultura, e quem era o culpado? Era o governo federal. Não choveu, teve seca, perdeu, quem paga o pato? É o governo federal, porque as pessoas acham que a gente tem um pacote de dinheiro esperando a crise para resolver. Agora choveu, está tudo bem. Quem é o culpado pelas coisas estarem bem? Não é o governo, ou seja, nós só somos culpados se chover demais e perder a lavoura, ou se não chover e perder a lavoura. Se estiver tudo certo, o governo não existe.

Ora, este País tem que aprender, de uma vez por todas, que ele depende da agricultura, que é um dos seus pilares e, portanto, estamos fazendo uma política de seguro agrícola para garantir que nenhum produtor precise fazer passeata, achando que a gente tem dinheiro para dar. Ele estará garantido no seguro agrícola e, portanto, ele tem direito, não tem favor, não precisa que deputado, senador ou presidente da República faça um favorzinho e dê uma ajudazinha. Não, ele vai ter o seguro. Teve problema, vai lá, o seguro cobre e a vida continua, da mesma forma que vale para a indústria e qualquer outro setor da atividade econômica.

Quando, no Brasil, nós todos – presidente da República, o cidadão mais

humilde, empresários, políticos – assumirmos que, juntos, temos a responsabilidade pelas coisas boas que acontecem no Brasil, mas também pelas coisas ruins... Eu, quando vejo o noticiário: olha, teve violência no Rio de Janeiro, então é preciso diminuir a maioria penal, vamos começar a punir logo as criancinhas antes que virem bandidos. Aí a gente vê, nos Estados Unidos, um jovem matar 32 jovens – e não é problema da fome –, a gente tem que pensar: será que é diminuir a maioria penal ou será que é a gente dar esperança para essa juventude sonhar que vai ter um futuro estudando e trabalhando?

Quando nós criamos o ProUni, e é importante vocês atentarem para isso, nós lançamos um programa de quase 300 mil bolsas para os alunos pobres da periferia fazerem universidade. Eu li muitos artigos que diziam assim: o presidente Lula vai nivelar a educação por baixo, ou seja, vai rebaixar o nível da universidade, porque os pobres estão tendo acesso à universidade. O que aconteceu na semana passada? O MEC fez uma pesquisa e, nessa pesquisa, foram avaliados 14 cursos, envolvendo Engenharia, Medicina, Veterinária, Psicologia, Ciências Contábeis. Quais foram os melhores alunos dos 14 cursos? Exatamente, meu caro Alcides, os alunos pobres da periferia, que tinham ganho a bolsa de estudos, numa demonstração de que a inteligência não está ligada à origem social das pessoas, a inteligência está ligada às oportunidades que as pessoas têm para poder mostrar que têm e que não têm.

Então, meu caro, se você, um menino pobre da Paraíba, chega e monta uma indústria automobilística; se um pernambucano pobre, de Garanhuns, chega à Presidência da República, este País não tem que pedir licença para ninguém. Este País tem que levantar o pescoço, acreditar nele mesmo, que nós nos transformaremos neste século. Eu não estou falando mais para mim, que tenho 61 anos, e acho que a possibilidade de viver mais 60 é muito pequena. Mas, vamos pegar seus filhos, pegar estes jovens que estão aí, pegar o Johnny. Ou seja, Johnny, você vai viver para ver, nos próximos 30 anos, este País ser uma das principais economias do mundo. Não depende dos coreanos, não depende dos japoneses, não depende dos alemães, não depende dos americanos, não depende dos chineses, depende apenas de nós, brasileiros e brasileiras, acreditarmos nisso.

Meus parabéns, Carlos Alberto, meus parabéns aos empresários da Coréia. Sobretudo, eu quero dizer aqui, fazer justiça ao sonho que o senador Marconi Perillo tinha com esta empresa. Não foram poucas as vezes em que ele foi ao meu gabinete dizer: “Presidente, a empresa tem que ir para lá”. E ela veio para cá. E eu quero, Alcides, que agora você possa dar o que puder, contribuir com a alma, para que esta empresa se transforme numa grande montadora, competitiva como as montadoras do Sul do País. É isso que conta para o Goiás e para o Brasil.

Muito obrigado.